

NEOINDIVÍDUO: QUESTÕES SOBRE A LIBERDADE NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Frederico Fonseca Soares¹

RESUMO: A liberdade é tema motor da ação do indivíduo desde tempos imemoriais, a liberdade inspira e representa a morada e o repouso da alma humana, mas, primeiramente, deve-se tomar consciência da sua condição de servidão, para depois refletir sobre a liberdade que se vive. A contemporaneidade líquida promove e incentiva, mais do que nunca, a liberdade individual, contudo a verdadeira e legítima liberdade pode ser muito prejudicial aos projetos neoliberais de controle e dominação, por isso, uma avaliação regional, estruturada nas intensas teorias sociais de Bauman, pode nos revelar que a liberdade perdeu ou transformou seu significado básico e vive, efetivamente, sob a égide da ideologia dominante, que delibera sobre o futuro econômico e cultural do mundo e sobre a conduta dos indivíduos. E, os neoindivíduos, por se fecharem acriticamente na sua hiper-individualidade egoísta, misturaram-se, como engrenagens, nessa ideologia totalitária, e acabam contribuindo com a situação opressora, encontrando-se longe de se libertarem pela razão e pela crítica.

Palavras-chave: Liberdade; neoliberalismo; modernidade líquida.

ABSTRACT: Freedom is the theme of action of the individual since time immemorial, freedom inspires and represents the resting of the human soul, but first you must become aware of their condition of servitude, and then reflect on the freedom which we live. The net promotes and encourages contemporary, more than ever, individual freedom, but the true and legitimate freedom can be very damaging to the neo-liberal domination and control, so a regional assessment, structured in the intense social theories of Bauman, can tell us that freedom has lost its basic meaning or transformed lives and, indeed, under the aegis of the dominant ideology, which decides on the future economic and cultural world and the conduct of individuals. And, neoindividuals, because it close uncritically in their hyper-individuality selfish, mingled together like gears in this totalitarian ideology, and ultimately contributing to the oppressive situation, and is far from being liberated by reason and criticism.

Keywords: Freedom; neoliberalism; liquid modernity.

¹ Mestre em Comunicação Social com especializações em: Administração e Marketing; Filosofia e Ensino da Filosofia; Sociologia e Ensino da Sociologia e Metodologia do Ensino na Educação Superior. É graduado em Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas – É presidente da Construtora Veicon Ltda E-mail: frederico@fredericofonseca.com.

Introdução

A falta de liberdade do indivíduo como ipso facto da contemporaneidade é a hipótese desta pesquisa etnográfica, que, por meio de fatos, às vezes imperceptíveis, em uma única sociedade, neste caso a brasileira, analisa a significação e a fundação das relações sociais, buscando comprovar que a liberdade individual, propalada pela ideologia neoliberal como o bem mais precioso, é uma ilusão, e que o indivíduo super-individualista, estabelecido pelo neoliberalismo, sofre de uma falta crônica de liberdade, que, na maioria das vezes, é vivida de forma inconsciente. A máxima neoliberal é a valorização e a liberdade do indivíduo, contudo o fim do neoliberalismo necessita de comportamentos previsíveis e massificados para sua existência e desenvolvimento. Nessa contradição, nasce a justificativa de ampliar as análises sobre o comportamento do neoindivíduo² e as pressões externas que limitam e manipulam suas escolhas e, por conseguinte, sua legítima liberdade. Para Sartre (2008), se não há escolhas, não há liberdade, a liberdade não pode ser abstrata, tão pouco transcendente, tem de ser manifestada em atos concretos, e foi Sartre (2008) quem afirmou que o homem está condenado a ser livre, pois sempre faz escolhas, e até o fato de não escolher é uma forma de escolha. Entretanto, na modernidade líquida³, a máxima de Sartre (2008) pode ser revista na parte onde não existe forma de não escolher. No mundo neoliberal, a pseudomultiplicidade de escolhas sempre tem o mesmo fim, o de consumir. A proposição do trabalho tem o consumismo como núcleo, e as formas de conduta individual e coletiva na modernidade líquida, a configuração de um enclausuramento cíclico e sem fim.

A sensação de liberdade pode ser uma ilusão em tempos de liberdade excessiva. Tal paradoxo se explica pelo comportamento massificado que se tem observado na contemporaneidade, uma busca hiperbólica pela felicidade a qualquer preço, e preço é palavra-chave no neoliberalismo. Contudo, devemos delimitar a amostragem da pesquisa deste trabalho e o faremos da mesma forma como o neoliberalismo o faz. Vamos apreciar apenas os que pertencem ao grupo dos consumidores, ou melhor, consumistas ativos e os que têm potencialidades para tal, aqueles que produzem riqueza,

² Termo que tem a intenção de fazer analogia ao neoliberalismo, isso porque este é membro integrante e colaborador dessa ideologia distópica.

³ Para Bauman a modernidade é líquida/fluida por não manter uma forma com facilidade, não fixa o espaço nem prende o tempo, o líquido está sempre pronto e propenso para mudanças, pode apresentar leveza, mas pode ser mais pesado que muitos sólidos. Em essência, a grande mobilidade e o acelerado devir do líquido é um bom representante metafórico da modernidade contemporânea, pois não tem forma distinta e está em constante mudança física.

pagam impostos e compram, não apenas para sobreviver e suprir suas necessidades básicas, mas para encontrar a felicidade, felicidade que há tempos imemoriais tem sido a busca ontológica dos homens, pois o neoliberalismo se tornou o Oráculo dos Delfos⁴ contemporâneo, lugar de origem das respostas para a falta de felicidade e o excesso de angústias. A porção excluída, ou seja, mais de 16 milhões de brasileiros miseráveis⁵, não participam da análise, pois, estes, de forma direta, não possuem liberdade alguma, vivem uma condição que não pode ser chamada humana. O objeto se foca nos 79 milhões de brasileiros, que compõem a “população economicamente ativa”, os que podem comprar uma liberdade ilusória e a felicidade efêmera e padronizada, contudo sem levar em consideração as estratificações sociais, a, b ou c, isso ocorre porque, dentro de suas limitações de consumo, a busca do indivíduo neoliberal segue padrões bem definidos e previsíveis. Como se trata de uma pesquisa etnográfica, obviamente não serão levados em conta a sociedade ou o comportamento do indivíduo pertencente aos países ditos desenvolvidos, ou melhor, países líderes/globalizadores/extraterritoriais, porque vivemos em um país liderado/globalizado⁶/regional, mesmo levando-se em conta as teorias estruturantes dos pensadores originários desses países, que vão justificar algumas teorias compreendidas neste trabalho. Restringindo-nos ao país retardatário, dono de uma cultura subdesenvolvida, uma educação frágil, com um ensino pobre, ineficiente e permissivo, desde a alfabetização ao ensino superior, com abismos sociais incomensuráveis, com índices de violência superiores a países em guerra, submetido a um governo extremamente⁷ corrupto. Temos de entender, portanto, que as culturas dos países líderes são mais evoluídas, e isso ocorre porque educam melhor seus membros, não que essas culturas estejam livres do neoliberalismo, a questão é que o neoliberalismo utiliza-se de formas distintas em culturas distintas, contudo o intuito deste trabalho é apreciar/estudar o indivíduo “periférico” (SOUZA, 2006) ou “globalizado/dominado” (BAUMAN, Globalização, as consequências humanas, 1999) brasileiro, seu comportamento e as relações com outros sob a égide do neoliberalismo, que como disse Heilbroner (1994, p. 27) “Se ele [o neoliberalismo] é alguma coisa, é uma ordem social em constante

⁴ O Oráculo de Delfos era dedicado principalmente a Apolo e centrado num grande templo, ao qual vinham os antigos gregos para colocar questões aos deuses. Nesse local se buscavam as questões ontológicas daquela época

⁵ Fonte: IBGE, ano 2011.

⁶ No sentido de submissão.

⁷ Termo que pode ser muito eufemístico frente à realidade do fato.

mudança” (ou seja, o neoliberalismo não é apenas uma condição econômica, mas uma resolução social, uma condição social que norteia comportamentos. E o autor complementa que no neoliberalismo somos como peixes dentro d’água, em suma, o neoliberalismo é ubíquo e nos envolve e norteia ciclicamente pelo seu devir.

Tornou-se mister conhecer o neoindivíduo, ou indivíduo líquido brasileiro que aceitou irrestritamente a ideologia neoliberal, que abraçou o capitalismo líquido como o caminho a ser seguido sem questioná-lo, que acolhe acriticamente todas as condições “impostas” pelo modelo de vida voltado para o consumo como única forma de felicidade. Essa é uma antropologia cultural sob os conceitos de uma pesquisa etnográfica, que busca conhecer, com mais cabimento, os fins da ideologia neoliberal, suas intenções de produzir ou fomentar sentimentos super-individualistas nos membros economicamente ativos da sociedade e deliberar sobre a liberdade individual na sociedade brasileira contemporânea.

As conjecturas que vão sustentar os argumentos hipotéticos na área da Sociologia derivam de afirmativas como a de Hobsbawm (1995), que disse que a revolução cultural do fim do século XX pode ser definida como o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, uma desestruturação das relações sociais e dos padrões esperados de comportamento das pessoas, umas com as outras. No arcabouço dos primeiros pensamentos teóricos que findariam no liberalismo atual, podemos lembrar Hobbes (2007), que noticiou a universalização de um individualismo estruturado na lei do mais forte, um comportamento que destrói a coletividade, a solidariedade e a democracia, instituindo uma competitividade antropológica dentro das relações sociais. E o mais proeminente teórico dessa “pós-modernidade⁸” ou modernidade líquida, como ele mesmo alcunhou, (BAUMAN, Modernidade líquida, 2001), engrossa a base conceitual dessa temática, afirmando que a batalha mortal e infinita entre a liberdade e a dominação formam a individualidade de seus membros, e estes formam a sociedade a partir de suas ações de vida. Contudo, na modernidade líquida, a apresentação dos membros da sociedade como indivíduos super-individualistas é uma marca registrada, Bauman (Ibdem) anuncia que a individualização contemporânea tem um significado muito diferente do que há cem anos, quando a individualização era a emancipação do homem.

⁸ Que pode ser percebido também, como uma esteira do desenvolvimento das discussões sobre a contemporaneidade liberal e suas mudanças culturais, sociais, políticas e econômicas.

Torna-se quase pleonástico a afirmativa de que a contemporaneidade é caracterizada por uma série de mudanças, as mais manifestas, aparentemente negativas, deteriorantes e contraditórias: a da busca de uma sociedade ideal. Os interesses minoritários são a base estrutural de uma sociedade sem características bem-definidas, carregada de contradições e mergulhada no niilismo. Visivelmente, a infelicidade, a massificação, a angústia, o medo, o apego excessivo às coisas materiais têm caracterizado o homem contemporâneo, teoricamente fruto de uma equação perversa do sistema neoliberal, tal qual uma conspiração mundial, e é justamente esse homem contemporâneo que deve ser compreendido em seus anseios e, também num âmbito externo a ele, compreender epistemologicamente as forças que produzem nele o desejo de se enquadrar, a qualquer custo, num padrão pré-estipulado de comportamento, que rompe com as instituições sociais e confecciona uma nova ética privatista. Torna-se justificável, e mesmo urgente, buscar o entendimento desse novo indivíduo, ou neoindivíduo brasileiro, e a ausência da real liberdade individual no seu sentido mais fundamental, ou seja, uma liberdade em essência, desprendida de modelos e conceitos predefinidos, alforriada de padrões que massificam, manipulam, coisificam e enclausuram, excluindo os desajustados a esses padrões.

1. O Neoindividualismo Brasileiro

Segundo Lipovetsky (2007), quanto mais a sociedade enriquece, mais vontade de consumir surge entre seus membros, e quanto mais se consome, mais se quer consumir.

[...] a época da abundância é inseparável de um alargamento indefinido da esfera das satisfações desejadas e de uma incapacidade de eliminar os apetites de consumo, sendo toda saturação de uma necessidade acompanhada imediatamente por novas procuras (LIPOVETSKY, 2007 p. 38) .

Essa afirmativa pode ser observada, levando-se em consideração o súbito enriquecimento que o Brasil teve nos últimos anos, contudo essa introdução aos motivos do consumismo ainda é muito incipiente, pois serve para ilustrar a primeira proposição do trabalho: o consumo é uma forma de ação homogênea e massificada, que permeia toda uma sociedade. Porém, essa pesquisa não fecha os olhos para os fatores econômicos de que, quando se consome, circula a riqueza de um país que movimenta toda uma economia, mas a pesquisa não trata do consumo, mas do consumismo frívolo, desnecessário e cheio de significados simbólicos, que também giram a economia, em

que o maior favorecido é um sistema de poucos beneficiados. E os que fazem rodar o círculo do consumo pouco se favorecem, são “objetos”, (termo propositado por Bauman Vida para o consumo, 2008), objetos que se destituem de sua subjetividade para participar de um processo ubíquo, que é o neoliberalismo. Mas, por que seguimos como ovelhas, passivamente, o rebanho, morrendo de medo de nos desgarrarmos? Será que pelo exemplo socrático de que seguimos aqueles mais importantes e influentes, pois achamos que eles sabem o que estão fazendo? Ou pelo simples discurso democrático de que a maioria sempre tem razão? O mesmo Sócrates nos ensinou, por meio de suas dialéticas, a sermos menos resignados e menos inclinados a seguir a massa. De acordo com o pensamento socrático, todos podem pensar, ou melhor, todos têm a responsabilidade de pensar, mesmo sem formação para isso. E assim, esbarramos na questão que delimitou o campo de pesquisa deste trabalho: o Brasil tem uma educação que pode ser entendida como nula, inexistente, pois não proporciona uma instrução humana e crítica, que inculcará uma vontade de raciocinar, de usar os benefícios do intelecto, em suma, a escola não forma um ser pensante, humanista, moral, ético e coletivista. Isso é notoriamente percebível nas escolas públicas, que tinham a obrigação estatal de inculcá-las, e nas escolas privadas, que têm, por único objetivo uma competitividade, que exclui as questões humanistas, fechando-se exclusivamente na produção de discentes, que concorrem por melhores colocações em exames e rankings e, por conseguinte, fazem publicidade dessas instituições de ensinos privados. Portanto, o ensino privado é apenas mais um bom negócio empresarial. Essa educação não forma um indivíduo pronto para enfrentar os desafios humanos da coletividade na sociedade, baseando-se na ética que é a conduta que se aplica às relações com os outros, o resultado é o que podemos observar, uma cultura do mal caratismo e da desonestidade. A educação brasileira falha, sistematicamente, nas suas funções básicas da humanização, e a outra instituição social, também fundamental na construção do caráter, da confiança do indivíduo, da moral edificante e da ética em essência, que é a família, encontrar-se-á em crise, e os pais, quando não separados, pelos mesmos motivos do individualismo exarcebado, encontram-se imersos num mundo de disputas pelas recompensas prometidas pelo neoliberalismo, deixando a cargo das instituições de ensino a confecção do caráter de seus filhos, que, como proposto, não o farão de forma saudável para uma sociedade ideal, e o neoliberalismo se aproveita disso e fomenta, de

forma perversa, essa “falta”⁹ do neoindivíduo brasileiro. Tal assunto merece ser melhor compreendido, pois tem profunda congruência com a liberdade e, conseqüentemente, com os esforços deste trabalho.

1.1 O caráter tardio e a nova moral do neoindivíduo brasileiro

Sennett (2004) explica que o capitalismo apregoa a ideia de que todos têm condição de alcançar a riqueza e os confortos de um mundo sensível, um mundo “meritório” com oportunidades iguais para todos. Essa é a “mobilidade social” ao alcance de todos, as “maravilhosas” recompensas do acúmulo de capital e dos deleites do consumo, que enchem de prazeres o mundo sensível do indivíduo nele inserido. A publicidade e o marketing se encarregam de reafirmar, constantemente, a recompensa da posse do poder capital e, conseqüentemente, o de como “gastar” esse capital. Mais à frente serão desenvolvidos os motivos ontológicos e culturais que fazem dessa afirmativa um comportamento compulsivo.

Beck (2003) afirmou que a compulsão à mobilidade, mola da individualização contemporânea, gera sérios problemas no interior da família: de quem é papel, o trabalho de construção do caráter das crianças? Quando ocorre? De que forma? Em suma, a família, como instituição social reponsável pela confecção de um caráter ético e moral, se confunde nos papéis do casal e precisa se adequar a uma indeterminação efetiva do mundo do trabalho; então, as tais questões são impelidas às instituições sociais de ensino. Torres (1993) afirma que a noção de autoridade e reprodução cultural, ou seja, o limite¹⁰, a ética e a moral, não é socializada apenas na família, mas também na escola, então, a responsabilidade também é da escola, mas não só da escola. O interessante é perceber que a escola, como reforço ético e moral, encontra-se, talvez, mais impotente que a própria família, isso pode ser ratificado com a afirmativa de que as crianças, antes de serem alunos, são clientes. A mobilidade líquida afeta as questões empresariais das escolas, se o aluno/cliente ficar insatisfeito, escolherá ou forçará a escolha dos pais por outra instituição, então uma escola como empresa não tem como impor o limite que gera o equilíbrio, “a ética exige, poder-se-ia dizer, uma determinada autolimitação” (BAUMAN, O mal-estar da pós-modernidade, 1998 p. 67) e,

⁹ Falta de caráter, honestidade, compromisso coletivo e preocupação com a honra.

¹⁰ Limite empregado neste trabalho reside no sentido da confecção da conduta moral, de uma moderação, prudência e equilíbrio, e não do limite como restritivo a emancipação.

consequentemente, uma sadia noção de moral nessa criança, pois essa escola corre o risco de perdê-la como cliente para outra empresa de ensino. Piaget (apud Lakomy, 2007) nomeou de estágio pré-operatório (dos 2 - 7 anos) crianças ocupantes que começam a desenvolver sua capacidade simbólica, lugar de origem das noções de certo e errado (ética), pode e não pode (limite) e a relação e a conduta correta na coletividade (moral). E nos estágios das operações concretas (7 – 13 anos) e do operatório-formal (13 em diante), a preocupação escolar se concentra em produzir competidores, aptos a vencer concursos e provas, para, de forma direta, promover a imagem institucional dessas escolas, ficando as questões humanas¹¹, novamente relegadas a uma segunda instância de preocupação. Então, sobra ao neoliberalismo, que também é expert em educação, a missão de inculcar os preceitos de moderação, ética e moral (ou a total falta deles) nas crianças economicamente ativas da sociedade.

Como vimos, a escola e a família estão tendo problemas de inculcar no indivíduo contemporânea uma ética, que, consequentemente, geraria uma crítica, que rejeitaria essa moral do errado a que temos assistido sistematicamente, recusaria e desaprovava os governantes desvirtuados, que aparentemente não temem mais nada, tão pouco a opinião pública, porque já foi provado, centenas de vezes, que não há punição, são blindados pelas suas imunidades autoinstituídas¹², numa análise comportamental. Esses governantes, dos principiantes (vereadores) aos mais graduados (senadores, ministro e presidentes) são “gratificados” sistematicamente pela sua desonestidade, reforçando suas condutas que solapam o futuro da sociedade brasileira. Portanto, a falta de punição, em todos os níveis da sociedade, somada à não educação ética e humana, multiplicada pelos benefícios e recompensas do mundo neoliberal da posse e da riqueza, confeccionam um produto social que só tem a prejudicar e a tornar inexorável todo esse círculo vicioso.

Os valores morais estão subvertidos. Egoísmo, ambição e vaidade são péssimos conselheiros. A humanidade está confundido riqueza com bem-estar, está confundindo bem-estar com a capacidade de consumo [...] A vida urbana de hoje veio se desenvolvendo desde a Revolução Industrial, quando tivemos os primeiros registros da atual “sociedade de consumo”. E foi subvertendo os valores das pessoas. Criou ostentação desnecessária, sofisticação supérfluas, egoísmos exacerbados, ganância, ansiedade, doenças. O dinheiro, que seria apenas um instrumento de troca, transformou-se na materialização de tudo isso. A competição está entranhada em nós (DINIZ 2004, p. 25 e 27).

¹¹ Éticas e morais.

¹² Conhecidas como “parlamentares”.

Diniz (2004) apenas relata o claramente observável na nossa sociedade brasileira, mas Bauman (A sociedade Individualizada, 2008) nos apresenta uma fundamentação do mundo do trabalho, que pode gerar algumas explicações:

Diniz (2004) apenas relata o claramente observável na nossa sociedade brasileira, mas Bauman (A sociedade Individualizada, 2008) nos apresenta uma fundamentação do mundo do trabalho, que pode gerar algumas explicações:

Essa afirmativa confecciona uma visão sob o indivíduo contemporâneo que abandona suas raízes, cultura e família, ou seja, qualquer instituição social basilar à sua conduta ética, para abraçar uma vida dedicada ao capital, ao lucro e à propriedade. Em suma, o indivíduo se destitui de sua humanidade subjetiva, para se tornar uma “engranagem/objeto” do sistema neoliberal. Aí fica uma questão: objeto tem ética? Possivelmente não, Bauman (Vida para o consumo, 2008) versa que a subjetividade na sociedade de consumidores se resume ao comércio dos símbolos empregados na construção da identidade. Zizek (2011) engrossa o discurso da coisificação do indivíduo contemporâneo exemplificando com as agências de relacionamentos virtuais, que se baseiam na “automercadorização” do indivíduo.

Nas proposições de Bauman (Tempos líquidos, 2007), o indivíduo contemporâneo não se fixa, apega, condiciona, projeta ou se vincula a mais nada que seja muito duradouro, ou seja, não se fixa nem se detém a nada nem a nenhum ciclo que perdure por um tempo., Para o neoliberalismo, esse ciclo deve ser encurtado sistematicamente, numa verdadeira era do evanescente, ou “império do efêmero” como no livro do filósofo francês Gilles Lipovetsky (1989), que também trata desse mesmo assunto, porque o que dura não precisa ser trocado, ou comprado novamente, então deve ter sua obsolescência cada vez mais acelerada, o que para a psicanálise freudiana se sustenta pelo gozo do novo, nada que já se possua pode suprir o prazer do novo, e tal perspectiva pode ser apreendida numa conjunção de coisas e relações também, tendo em vista que o neoindivíduo não tem mais aspirações para se fixar, nem alimentar relações duradouras.

No mundo líquido-moderno, a solidez das coisas, assim como a solidez dos vínculos humanos, é vista como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, qualquer compromisso a longo prazo (e mais ainda por prazo indeterminado) prenuncia um futuro prenhe de obrigações que limitam a

liberdade de movimento e a capacidade de perceber novas oportunidades (ainda desconhecidas) assim que (inevitavelmente) elas se apresentarem (BAUMAN, **Capitalismo parasitário**, 2010 p.40).

Então, o descompromisso ético em suas relações sociais não causaria nesse indivíduo um constrangimento desonroso, pois novas relações hão de surgir e uma nova imagem e uma nova reputação do indivíduo hão de ser confeccionadas nessa irremadiável nova relação futura, que nascerá com prazo de validade.

Em suma, para Bauman (Modernidade líquida, 2001), no capitalismo “sólido” as relações sociais, familiares, etc. eram duradouras, o trabalho estava a serviço da família, e essas relações sólidas e duradouras incentivavam uma conduta carregada de responsabilidade ética. Já no capitalismo “líquido” ou neoliberalismo, as relações de amizade são efêmeras, a família vem em segundo plano, as exigências profissionais obrigam uma mobilidade individual desprendida, tornando-se, assim, mais importantes que a própria família.

O neoindivíduo é o resultado de famílias solapadas pelo super-individualismo, superapegado ao material, em que aplicam esforços desmedidos para reverenciarem os “dogmas” neoliberais, que, por conseguinte, estabelecem famílias e novos indivíduos, com o mesmo teor de individualismo, somados aos agravantes antes citados, como a escola empresa, as fraquezas estruturais de caráter, os exemplos de desonestidades que acabam impunes, além das recompensas sensíveis que o dinheiro traz. Tornou-se tão desusada a honestidade que, quando algum indivíduo comete um “ato” desses, é merecedor de manchetes de jornais, e sempre lhes é questionado o porquê de tê-lo feito, como é o caso de homens, normalmente simplórios, que devolvem quando acham, grandes somas de dinheiro ou bens materiais valiosos aos seus verdadeiros donos.

Talvez, a transcendência possa indicar rumos mais éticos ao neoindivíduo, tornando-o, assim, salvo dos pecados da carne, que levam inexoravelmente à ruína total. Será?

1.1.1 A nova ética evangélica e o espírito do capitalismo tardio

Usurpando o título da obra mais importante de Weber, tentaremos entender qual é a ligação da liberdade, da ética, da transcendência e do super-individualismo na contemporaneidade, em que o asceticismo é o comportamento mais elementar do indivíduo brasileiro. Bauman (A sociedade Individualizada, 2008) nos lembra que o

conhecimento da mortalidade dispara o desejo pela transcendência, contudo a busca pelo mundo espiritual tem uma perspectiva maior, mais complexa e mais interesseira e mercantil. A prática religiosa é imanente a uma conduta ética que leva a uma moral, normalmente uma conduta estabelecida pelo medo, medo da morte, medo do inferno, medo da punição no outro mundo, porém, na modernidade líquida, o medo se deslocou. Reside hoje, até com maior intensidade, na inadequação social. Por isso, podemos perceber que a busca ascética, mais manifestada nas novas doutrinas evangélicas, procura a recompensa divina, não após a morte, mas em vida, ou seja, nas ações que campeiam as vantagens no mundo sensível¹³, quiçá, pondo de lado a parte mais triste e apavorante desse paradigma, a morte e a penitência. Isso certamente leva a uma ética distinta da habitual e conhecida. Talvez seja uma liberdade de escolha, do uso fruto dos presentes tidos pelo reconhecimento de Deus, uma “troca” mais tangível. O cristianismo, segundo o censo de 2000¹⁴, é uma aceitação presente na vida de mais de 95% dos brasileiros, tendo vertical ascensão o movimento evangélico, em 1991, com 9%¹⁵; em 2000, com 15,4%¹⁶, e em 2010 com 20%¹⁷ de seguidores. Tal mote merece nossa atenção, primeiramente pelo aspecto empresarial da religião. Segundo Claudio Ângelo, editor de Ciência da Folha, e Rafael Garcia, repórter do jornal a Folha de S. Paulo, é extremamente simples e muito vantajoso abrir uma igreja no Brasil, é necessário um baixo investimento, nenhum pré-requisito teológico ou doutrinário e, em contrapartida, existem várias vantagens tributárias: isenção de IR (Imposto de Renda), de IOF Imposto sobre Operação Financeira), além de todos os impostos que incidam sobre o patrimônio, a renda ou os serviços relacionados com suas finalidades essenciais, ou seja, a instituição religiosa é isenta de IPVA, IPTU, ISS, ITR, CSLL, PIS, Cofins, ICMS, etc. Além disso, existem algumas vantagens extratributárias.

Sendo dono ou seguidor de uma das fecundas igrejas brasileiras, a realidade é que mais e mais neoindivíduos aderem às formas de religiosidade que buscam a transcendência sem os sacrifícios capitais do cristianismo propriamente dito, tais como a caridade, a fraternidade, a misericórdia, a vida na pobreza, ou qualquer ação que acometa a individualidade. Segundo Weber (2001), o tipo ideal de religião deve

¹³ Dualismo Platônico.

¹⁴ Fonte IBGE.

¹⁵ Fonte IBGE.

¹⁶ Fonte IBGE.

¹⁷ Fonte IBGE.

contribuir decisivamente para o desenvolvimento qualitativo do capitalismo, e a piedade popular católica, de forma resignada, espera sua recompensa após a morte. Em suma, no desenvolver do neoliberalismo, e apoiado na afirmativa de Weber, o asceticismo volverá, com mais energia, às formas que justificam o acúmulo de capital e ao egocentrismo, confortando quem está na riqueza e incentivando quem a busca. A nova religião evangélica ascendente brasileira amplia e fortalece o individualismo, garante neste a paz de espírito nas suas ações egocêntricas, alimenta o desejo pelas recompensas do neoliberalismo e reforça o discurso da promessa divina, ou herança de Deus, em vida e não após esta, e essas heranças de Deus serão alcançadas pela adoração e pelo culto e não mais, com tanta ênfase, pela beneficência fraternal, a não ser pelo dízimo e pelas doações às suas respectivas igrejas. Uma liberdade comprada o livrará do proposto cristão da doação da vida e da aceitação da pobreza e do peso da cruz como: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; mas quem perder a vida por minha causa, este a salvará" (LUCAS 9:23-24). Ou de princípios antiliberais como: "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me." (MATHEUS 19:21). Ou ainda, a privação da liberdade sexual em face a um casamento infeliz ou mesmo, inconveniente e desinteressante: "Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á a sua mulher, e serão os dois uma só carne": "Portanto o que Deus ajuntou não o separe o homem" (MATHEUS 19:5,6). "quem despede sua mulher – fora o caso de união ilícita – e se casa com outra, comete adultério" (MATHEUS 19:9). É tentando se livrar desses grilhões morais de profundo sacrifício, que o neoindivíduo encontra sua pseudo-liberdade, na reinterpretação das escrituras bíblicas, na justificativa de uma nova ética cristã, que o transformam de cultuador, devedor e cumpridor a cultuador e credor das graças de Deus em vida.

A sociedade registra, ainda, igrejas, que, como foram nomeadas pela revista Bem Viver¹⁸ "Personalizadas", ou seja, frutos da super-individualização, como é o caso das comunidades Justiça e Retidão e a Caverna de Adulão, que reúnem na cidade de Belo Horizonte/MG adeptos do rock and roll vestidos de preto, entoando hinos de louvor ao estilo heavy metal, ou as Igrejas da Comunidade Metropolitana e a Comunidade Cidade de Refúgio, também da cidade de Belo Horizonte, que reúnem

¹⁸ Edição 63 de 22 de julho de 2011.

homossexuais e seus familiares, a fim de pregar a palavra de Deus, claro que interpretada com uma releitura bem mais flexível do que a tradicional, e fogem de uma conduta ética e moral cristã habitual e confeccionam as suas próprias.

Pondé (2010) nos diz que não conseguimos fugir do mito, pois ele nos é visceral como uma pele, o neoindivíduo não consegue se libertar de uma transcendência, tão pouco do seu individualismo egoísta, então a original e rígida moral cristã se encontra totalmente fragmentada, incapaz de ser novamente uma fonte de limites éticos na sociedade líquida, que, para continuar ligado a uma transcendência, confecciona suas próprias seitas, normas e condutas.

2. O desejo de status

Talvez o maior motivo de aprisionamento e angústia do indivíduo desde antes dos registros sociais, seja a necessidade de se impor em uma escala social. Segundo Soares (2011), o status é a forma de como perceber o indivíduo em sua sociedade, o status elevado é motivo de conforto, atenção e liberdade, é a forma de se sentir valioso e merecedor de adulações e respeito. Como afirma De Botton (apud Soares, 2011), é um dos melhores bens terrenos, contudo ser rico não é garantia de ter status elevado, ou ter status nem sempre está ligado ao fato de ser rico. Segundo Soares (2011), o status é uma condição de valorização pelo outro. Na sociedade meritocrata, o rico é valorizado como alguém virtuoso, por apresentar alguns predicados, aparentemente intrínsecos à sua riqueza, que são criatividade, inteligência, perseverança e coragem, e é pela virtude que se alcança um status elevado. Da mesma forma, o pobre é percebido pela sociedade como alguém desprovido de virtude, sua pobreza é entendida como fruto de sua preguiça e pouca inteligência, ou seja, o dinheiro está revestido de uma virtude que incorpora no seu detentor os motivos sociais que legitimam o recebimento de prestígio, atenção e respeito. (SOARES, 2011).

O status não é privilégio apenas dos ricos, a sociedade se subdivide em classes, subclasses, grupos e subgrupos e, dentro dessas repartições sociais, o indivíduo trava sua luta pela ascensão nos seus grupos de referência, ou seja, a disputa pelo status elevado é travada dentro de grupos de identificação, o médico disputará o status com outro médico do seu meio de convívio, e o gari vai disputar seu status com outro gari, e para todos, a forma mais usual e pragmática de exteriorizar toda sua virtude é

consumindo, ou seja, comprando e apresentando aos seus semelhantes produtos que carregam valores simbólicos, que contextualizam sua ascensão e, por conseguinte, externam suas virtudes, que claramente são ilusórias, mas são percebidas de forma unívoca pela sociedade contemporânea como sinal de mobilidade e credibilidade (SOARES, 2011). A necessidade de status tem um motivo, talvez infame, contudo único, o de receber o amor do mundo; ser amado ou ser rejeitado pelo mundo pode ser muito mais prazeroso ou doloroso do que ser amado ou rejeitado pela sua parceira sexual. Ser amado traz consigo a completude que ocupa as faltas e falhas do indivíduo, que, como afirmou Soares (2011), que em sua medíocre condição, o indivíduo não se conhece e necessita de reforço externo para produzir suas convicções e reforçar suas atitudes, o desejo de status se torna assim mais forte que suas próprias vontades individuais.

A axiomática sensação de “[...] ter dinheiro pode sim garantir pessoas ao seu redor amando-o” (PONDÉ 2010, p. 20), justifica o acúmulo de riquezas que tem este sentido subjetivo, o de “comprar” o amor dos outros. Independentemente de ser ou não virtuoso, de merecer ou não ser amado, o indivíduo se ocupa, quase que integralmente, a recorrer a esse subterfúgio neoliberal do consumismo para receber o amor coletivo, uma promessa vazia e sem garantias que o neoliberalismo inculca nos indivíduos contemporâneos, o de receber o amor e os cuidados do mundo apenas consumindo.

3. A liberdade

Durkheim (apud Bauman, Modernidade líquida, 2001) afirma que “o indivíduo se submete à sociedade e essa submissão é a condição de sua libertação [...] é uma dependência libertadora; não há nisso contradição” (p. 27), Locke (apud Jorge 2011) conclui que a “liberdade individual só está protegida se, e somente se, esta for limitada pelas leis da natureza e/ ou civis” (p. 121), ou seja, a liberdade só existe dentro da circunscrição da liberdade. Na teoria lockeana e durkheimiana, a liberdade só pode ser expressa dentro do controle coercivo do estado, em suma, a liberdade é o direito à propriedade privada. Mas, que tipo de liberdade é essa? Freud (1996) engrossa a base conceitual afirmando que essas riquezas/propriedades, existentes e possíveis apenas numa sociedade/civilização, “são ameaçadas pela rebeldia e pela mania destrutiva dos participantes da civilização” (O futuro de uma ilusão, 1996 p. 11), por isso há restrição à

liberdade por meio da coerção do Estado, para que alguns tenham a liberdade de serem ricos. Mas será que a liberdade não se encontra com maior intensidade nos rebeldes? Ou quem sabe, no bom selvagem de Rousseau, que era feliz porque não se submetia a nenhuma força estatal e vivia em harmonia com a natureza? Difícil, às vezes, entender que a liberdade tenha uma existência tão paradoxal de existência na ausência. Conforme Carrasco (2011, p.15) “a liberdade está em nós”, a questão é perceber e sentir essa liberdade, e para Bauman (Modernidade líquida, 2001) o grau dessa liberdade é percebida pela crítica do indivíduo, “o que está errado com a sociedade em que vivemos é que ela deixou de se questionar” (CASTORIADIS apud BAUMAN, Modernidade líquida, 2001 p. 30). A questão é que, como disse Bauman (Ibdem), a crítica que venhamos a ter é impotente e incapaz de afetar a agenda estabelecida para nossas escolhas, ou seja, a sociedade líquida é insensível a críticas, somada à falta crônica de crítica em que o brasileiro vive, é um campo fértil para o desenrolar da coisificação e da alienação planejada pelo neoliberalismo.

No paradoxo de liberdade contemporâneo, Bauman disse: “A liberdade sem precedentes que a nossa sociedade oferece a seus membros chegou, como há tempos nos advertia Leo Strauss, e com ela também uma impotência sem precedentes” (BAUMAN, Modernidade líquida, 2001, p.31). Liberdade não é uma expressão unívoca, essa é a única certeza, talvez a liberdade seja utópica, inexistente, sem realidade, mas podemos nos estender em mais algumas reflexões sobre a liberdade, a fim de reforçar a afirmativa de que o mundo contemporâneo neoliberal gerencia ou circunscreve, ao máximo, essa condição subjetiva do indivíduo. Como disse Carrasco (2011, p.12), “a liberdade é uma atributo nosso”, então devemos insistir na teoria de que o neoliberalismo age no âmbito mais íntimo/instintual do neoindivíduo, a fim de impregnar sua ideologia e confeccionar o que deve ser visto como liberdade e o que deve ser sentido como a falta dela. Para Bauman, (Vida para o consumo, 2008) no hiperconsumo, há a busca, o desejo, o amor pelo produto, de forma parecida, o neoindivíduo curiosamente se porta de forma similar, agindo como um produto, sendo assim: “A subjetividade dos consumidores é feita de opções de compra – opções assumidas pelo sujeito e seus potenciais compradores” (p. 24). Essa teoria baumaniana explica a supressão da subjetividade humana e o comportamento coisificado, em que o neoindivíduo se parece com uma mercadoria, pronta para ser apreciada, para ser consumida, ser disputada, ser motivo de desejo. Assim

como no desejo de status, faz de tudo para ser amado, reafirmando sua condição incompleta. Para ilustrar tal afirmativa, Bauman (Amor líquido, 2004) descreve o comportamento dos participantes de sites de relacionamento, que se portam como mercadoria na estante, sendo apreciadas e analisadas pelos pretensos pretendentes/consumidores virtuais. Assim é a cultura consumista, a do produto pronto, para uso imediato e prazer instantâneo, nada deve ser longo ou duradouro. (BAUMAN, Amor líquido, 2004). Zizek (2011) também reforça tal teoria da coisificação ponderando que “Até o processo de envolvimento em relações emocionais ocorre cada vez mais segundo a linha das relações de mercado” (p. 11).

3.1 *O instinto de liberdade*

Robert Winston (2006) resumiu o instinto como “vozes que sussurram em nosso inconsciente e influenciam nosso comportamento” (p.150). Freud (1996) explica que a proibição da civilização gera uma frustração no instinto por este não poder ser satisfeito. A civilização separa o homem da sua condição animal, e essa privação para Freud (1996) é o motivo da hostilidade do homem para com a civilização. O instintual freudiano não é apenas violento, mas lascivo também. Para o neoliberalismo, a força coerciva do Estado deve prover apenas a propriedade, no restante, o Estado deve ser mínimo, então podemos prognosticar que a lascividade, o erotismo, a sexualidade são as válvulas de escape para o instinto reprimido do indivíduo, isso talvez seja o que podemos chamar de uma liberdade real na contemporaneidade, e como podemos perceber, na sociedade brasileira, ela está sendo amplamente utilizada. “sexo está no centro do que nos faz humanos” (WINSTON 2006, p.118). O brasileiro encontra sua liberdade buscando inspiração na sua porção mais primitiva, nos instintos mais primários, nos excessos dessa paixão. No estoicismo, essa paixão deve ser controlada por meio da razão para ser encontrada a felicidade, ao contrário, o neoliberalismo incentiva essa paixão, “a administração científica das necessidades instintivas converteu-se, desde há muito, em fator vital na reprodução do sistema: a mercadoria que tem que ser comprada e usada traduz-se em objeto da libido” (MARCUSE, 2009 p. 14). O neoliberalismo incentiva esse instinto e promulga a obtenção da satisfação e da felicidade pelos excessos: o fim do limite e a busca incessante pela volúpia.

Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo “adiamento da satisfação”, como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação: o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da autocongratulação tranquila movem-se rápido demais. A consumação está sempre no fundo, e os objetivos perdem sua atração e potencial de satisfação no momento de sua realização, se não antes (BAUMAN, **Modernidade líquida**, 2001, p.37).

Percebemos que o limite do neoindivíduo já fora solapado pela ineficiência das instituições sociais fundamentais à sua humanização, que edificam o caráter e o limite, e perderam sua função essencial: a família, ausente e desnordeada pelo medo líquido do desemprego e da obsolescência, e a escola que “mima e condiciona à disputa” seus alunos/clientes preocupados com sua longevidade institucional sob a égide de uma pedagogia de resultados financeiros, bem aos modelos do neoliberalismo: o lucro como moral.

Instruído nessas premissas, podemos confeccionar a proposição de que a distopia neoliberal age no instinto animal do neoindivíduo, molda uma conduta previsível e até preestabelecida, colocando sua humanização em um novo patamar, inferior e menos evoluído. “A libertação das necessidades instintivas de paz e tranquilidade, do Eros “associal” autônomo, pressupõe a emancipação da afluência repressiva: uma inversão no rumo do progresso” (MARCUSE, 2009, p. 15).

3.2 A liberdade como desejo

Para Carrasco (2011), a liberdade é o poder fazer, fazer o que se quer, sem qualquer constrangimento, “a liberdade está em o que somos e o que podemos ser” (p.15). Esse pensamento existencialista está no bojo teórico da ação neoliberal, ser livre para fazer o que quiser, contudo o neoliberalismo trabalha profundamente no “querer”, que, como vimos, reside na porção mais primitiva do indivíduo, por isso podemos perceber que todos querem quase sempre as mesmas coisas. Normalmente temos o desejo, o “querer” pelas coisas que a mídia, o marketing, a cultura de massa, a opinião pública sempre promulgam e fazem “querer”, e o curioso é que essas coisas, todas elas, têm um preço, então quem possui mais recursos tem mais liberdade, liberdade de consumir. Carrasco (2011) acredita que, para o senso comum, muitas vezes, liberdade significa simplesmente poder, é livre aquele que não encontra nenhum impedimento para o que quer. O que Carrasco (2011) não comentou é que esse senso comum é bombardeado sistematicamente pela mídia, para que essa observação se torne uma

conduta e uma verdade inexorável, incentivando assim uma busca, sem fim, pelo poder, pelo status e pela liberdade, passando o neoindivíduo, a vida toda, buscando a liberdade, sem nunca poder desfrutá-la de forma plena, acreditando apenas em como ela deve ser e como ela deve ser desfrutada, assim interiorizando-a como “desejo/querer” que deve ser alcançado sem medir esforços. Contudo, tudo que pode é degustar, de forma evanescente, as pequenas porções que conseguiu auferir na sua busca sem fim, de trabalho e entrega ao móvel/fluído mundo institucional, à custa do sacrifício das relações humanas e, principalmente, da edificação concreta da sua família, perpetuando o círculo observado por este trabalho, na falta de uma construção concreta e correta do caráter, na falta da imposição do limite como forma moral, na produção de valores questionáveis do que seriam a felicidade e a liberdade.

3.3 A liberdade física

Tentamos, até aqui, provar que a liberdade do neoindivíduo é uma contradição, talvez uma condição inexistente ou sem forma conclusiva; no entanto, as questões relacionadas à liberdade podem ser mais agravadas ainda, pois a liberdade corpórea vem sendo concretamente limitada no Brasil. Para Souza (2006), no Brasil, a liberdade é extremamente restrita por causa da violência, inclusive para os próprios criminosos, que, a priori, privam a liberdade da maioria, o brasileiro vive um auto-enclausuramento.

Toda fortaleza é, de algum modo, também uma prisão. O bunker em que o morador de classe média vai, aos poucos, transformando seu local de residência, é uma frágil garantia de sua segurança [...] e ao mesmo tempo, uma lembrança constante da restrição de sua liberdade, por força do medo. (SOUZA 2006, p. 18).

A banalização da morte e a desvalorização da vida são questões que motivam o medo sistêmico do brasileiro, e o medo para Bauman é ponto central da modernidade líquida. Souza (2006) utiliza-se da expressão “fobópoles” (p. 20) para descrever as cidades brasileiras, cidades regidas pelo medo. Para Castel (Apud Bauman, Confiança e medo na cidade, 2009) a culpa de toda essa insegurança e medo é do individualismo moderno. Antes, as comunidades eram solidamente unidas, todos cuidavam de todos, e a densa rede de vínculos sociais formava a proteção e a garantia do coletivo para o coletivo; agora, por causa dessa supervalorização egoísta do neoindivíduo, existe apenas o dever individual de cuidar de si próprio e fazer por si mesmo.

E a falta de liberdade física, como vimos, produzida por ele mesmo, consegue causar nele mais uma forma de consumismo, o de produtos que trazem uma pseudo-tranquilidade. São sistemas de vigilância, monitoramento, alarmes, sensores, veículos blindados, seguros, armas, etc.

Talvez, essa limitação de liberdade moldada pelo medo, certamente, seja uma parte da real falta de liberdade corpórea, pois, no mundo neoliberal, a liberdade tangível só existe, em essência, pelo consumo. Só podemos ter a liberdade de conhecer outras regiões, países e culturas, por meio do consumo turístico; só podemos sair para passear, tendo o potencial de consumo como seletor do nível de entretenimento e de sensações e estímulos físicos (bares, boates, casas noturnas, cinemas, bebidas, restaurantes, shows, etc.); nossos filhos só poderão ter a liberdade de se divertir pela quantidade de dinheiro que possamos investir nisso (brinquedos, parques, guloseimas, teatros, clubes, festas, etc.). Seguindo esse paradigma da liberdade e circunscrição pelo consumo, Bauman (Capitalismo parasitário, 2010) alerta para o processo em série de endividados, frutos do consumismo inconsequente, facilitado pela fartura de escolha, pela ampla forma de pagamento e pelo incentivo publicitário/midiático na produção de “desejos coletivos”. A vida a crédito é um processo recente no Brasil, há poucas décadas tudo era consumido e pago, praticamente, à vista. Isso ocorria porque o Brasil não tinha uma política de financiamento e crédito da forma como conhecemos hoje, a inflação galopante e a economia descontrolada não permitiriam tal método. O processo progressivo do endividamento endêmico, presente na contemporaneidade, que segundo Bauman (Capitalismo parasitário, 2010) é planejado e motivado pela especulação das operadoras de crédito, agravado pelas altas taxas de juros praticadas no Brasil, ocasiona um círculo vicioso, gerando uma profunda dependência no neoindivíduo, que Bauman (Ibidem p. 24) compara como o vício das drogas: “Como poucas drogas, viver a crédito cria dependência”. E nada pode ser mais limitador do que um vício.

Considerações

A filosofia existencialista de Sartre (2008) nos diz que o homem está condenado a ser livre, contudo o neoliberalismo promove profundas transformações na parte mais instintual, essencial e primária do neoindivíduo, construindo nele o desejo controlado, moldando suas escolhas/liberdade de forma visceral. Mas uma coisa não pode ser

alterada pelo neoliberalismo, a condição humana, a medíocre condição faltosa, incompleta, que precisa, incondicionalmente, da relação com outro para reforçar suas convicções e vicissitudes. Então, não estamos condenados a ser livres, estamos condenados ao amor, um tirano inconsequente que, inconscientemente ou instintualmente, guia nossas atitudes, e é por meio dessas técnicas e processos, norteadas pelo neoliberalismo, que se busca o status elevado, que, no inconsciente coletivo, legitima e justifica receber o amor do mundo. Esse discurso neoliberal permeia todos os âmbitos sociais, não só os ativamente econômicos: consuma/possua e será amado como um indivíduo virtuoso. O neoindivíduo deseja isso, ser amado, e esse é o único caminho conhecido para alcançar sua completude, consumindo, seguindo as normas e os aconselhamentos do neoliberalismo. A preocupação extremada na disputa social, além de produzir angústias e grilhões, desvirtua o indivíduo da coletividade e amplia sua individualidade, utilizando-se do coletivo, apenas, para a sua autoafirmação.

Viver diariamente com o risco da autorreprovação e do autodesprezo não é fácil. Com os olhos postos em seu próprio desempenho – e portanto desviados do espaço social onde as contradições da existência individual são coletivamente produzidas (BAUMAN, **Modernidade líquida**, 2001 p.48).

Buscar a aprovação, a atenção, o respeito, em suma: o amor, isso a qualquer preço, é o que o neoliberalismo, perversamente, apregoa, de forma muito persuasiva incentivando o consumismo, a superindividualização egoísta, o esforço desmedido para possuir, a desvinculação ao coletivismo, a reestruturação ou a invenção de uma nova conduta, a “self moral”, como Bauman (Vida em fragmento, sobre a ética pós-moderna, 2011) intitulou a forma desembaraçada de se autopermittir, autodefinir e se autoafirmar, livrando-se da conduta moral restritiva tradicional/sólida, para que se alcance o amor, a atenção e o respeito do mundo. Mas essa busca pelo amor segue o caminho contrário ao da liberdade e da felicidade. Se o neoindivíduo age de forma acrítica e modulável, podemos concluir que é ingênuo em essência, por não preceber que sua conduta é planejada e fomentada por outrem.

A inocência da ingenuidade faz com que até mesmo a condição mais turbulenta e traiçoeira pareça familiar e, portanto, segura, e qualquer visão de seus precários andaimes é um prodígio da falta de confiança, dúvida e insegurança que poucos receberiam esperançosamente (BAUMAN, **Modernidade líquida**, 2001 p. 52).

O neoindivíduo brasileiro é desonesto e egoísta, porque é inocente, acrítico e circunscrito em toda plenitude e força do termo. Aceita, abertamente, o que lhe dizem que é bom e libertador, não tem forças espirituais, intelectuais, instintuais, éticas nem físicas para se emancipar do que poderíamos chamar de uma “conspiração neoliberal”. Ele está condenado ao controle da ideologia dominante, que diz que ter é mais importante que ser, que a conduta ética não traz benefícios ou vantagens palpáveis, que é pelo excesso que se encontra a felicidade e que as únicas virtudes que existem são as compráveis. Bauman (Modernidade líquida, 2001) nos diz que, mesmo vivendo na escravidão, o indivíduo pode se sentir livre, por isso não sente a necessidade de se libertar e, assim, perde a chance de se tornar verdadeiramente livre. O neoindivíduo está totalmente resignado, aceitou, sem questionamentos e, talvez, sem consciência, a liberdade que lhe foi imposta, e essa liberdade tem intensidade e valor, e tudo depende do quanto se possui para comprá-la. Quanto mais rico, mais liberdade terá, quanto mais pobre, mais oprimido e aprisionado se encontrará.

As estruturantes teorias confeccionadas por Locke e Durkheim sobre a liberdade individual ser existente apenas dentro da civilização, também, caíram por terra. Bauman (Confiança e medo na cidade, 2009) proposita algo completamente diferente, que o vínculo entre civilização e barbárie se inverteu, as cidades contemporâneas converteram-se num estado de natureza caracterizado pelo pânico, pelo perigo e pelo medo. Para Bauman (Ibdem), a liberdade individual na civilização acabou, é na civilização que o neoindivíduo, superindividualista e competitivo, corre o maior risco, como registrou Bauman (Confiança e medo na cidade, 2009 p. 21): “Quando a solidariedade é substituída pela competição, os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos, entregues a seus próprios recursos – escassos e claramente inadequados”.

As instituições sociais que deveriam emancipar o indivíduo prosseguem circunscritas ao mal que acomete a todos, o egoísmo super-individualista: a escola pública abandonada pelo Estado mínimo e que, em especial no Brasil, é ultra-corrupto, a escola privada, preocupada com sua saúde institucional, a família ausente, desunida, presa aos medos e servil aos interesses privados, as multi-igrejas, presas às vantagens terrenas são impotentes e destituídas de uma força moralizadora. Sendo solapada sua constituição estrutural, sobram a ganância desenfreada, o egoísmo segregador, a busca,

destituída de limites morais e valores pela volúpia e pelos efêmeros prazeres capitais e a mais dolorosa e longa vida, cheia de evanescências vazias.

O neoindivíduo está condenado a viver, como na alegoria de Platão, na caverna, acorrentado, assistindo a reflexos e sombras, só que agora em LCD ou Led, com imagem HD e 3D e som surround.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada, vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. **Globalização, as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. **Vida em fragmento, sobre a ética pós-moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. **Vida para o consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BECK, Ulrich. **Liberdade ou capitalismo**. São Paulo: Unesp, 2003.
- CARRASCO, Alexandre. **A liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- DE BOTTON, Alain. **As consolações da filosofia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- _____. *Desejo de staus*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- DINIZ, Marcelo C. P. **O capital moral ou a falta dele**. Rio de Janeiro: Quaitymark, 2004.
- FORRESTER, Viviane. **Uma estranha ditadura**. São Paulo: Unesp, 2001.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HEILBRONER, Robert L. **O capitalismo do século XXI**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- LAKOMY, Ana Maria. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. Curitiba: Ibepex, 2007.
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- _____. **O império do efêmero**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

- MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 2009.
- PONDÉ, Luiz Felipe. **Contra um mundo melhor**. São Paulo: Leya, 2010.
- RENAULT, Alain. **O indivíduo, reflexões acerca da filosofia do sujeito**. Rio de Janeiro: Difel, 2004.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor**. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- SENNETT, Richard. **Corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SOARES, Frederico Fonseca. “O desejo de *status* para o *marketing*: uma reflexão filosófica.”, Brasília: (**Revista Filosofia Capital**) v.l, n. 12, (2011).
- SOUZA, Marcelo Lopes. **A prisão e a ágora**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- TORRES, Carlos Alberto. **Sociologia política da educação**. São Paulo: Cortez, 1993.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito capitalista**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- WINSTON, Robert. **Instinto humano**. São Paulo: Globo, 2006.
- ZIZEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farça**. São Paulo: Boitempo, 2011.